

# CONTEXTO DA ENCARNAÇÃO E DA MISSÃO DE JESUS

de Gerardo Custodio López  
gerclsx@gmail.com

*RESUMO: Se Jesus é a verdadeira encarnação de Deus na terra, então é apropriado conhecer as características da vida do povo daquele tempo, mesmo antes de sua encarnação. Embora deva ser dito que essa reconstrução histórica não se torna objeto da fé do crente, mas que “o objeto da fé cristã é uma pessoa viva, Jesus Cristo, que teve uma existência humana plena na terra no primeiro século e que agora ressuscitou e glorificou, vive inteiramente na presença do Pai... A fé proclama e venera aquela pessoa – verdadeiramente encarnada, crucificada e ressuscitada – e só então vêm ideias e afirmações sobre sua pessoa. O verdadeiro Jesus, o único Jesus que agora existe e está vivo, é o Senhor ressuscitado, acessível apenas pela fé”. (MEIER, cap. 7, p. 193). Não é o mesmo falar do Jesus real do que do Jesus histórico. No geral, os dois aspectos não coincidem em pessoas do passado: “não podemos conhecer o ‘verdadeiro’ Jesus por meio de pesquisas históricas, nem sua realidade total, nem mesmo um retrato biográfico razoavelmente completo. Por outro lado, podemos conhecer o ‘Jesus histórico” (MEIER, cap. 1, p. 32). Em outras palavras, não podemos entrar na realidade total de uma pessoa, em tudo o que ela pensou, sentiu, experimentou, fez e disse tantos anos depois, e ainda menos se a pessoa não escreveu nada sobre si mesma e sua proposta. No entanto, há elementos para conhecer o Jesus histórico a partir de outros dados, mas não uma biografia propriamente dita (cf. COMBLIN, p. 8-10).*

*ABSTRACT: If Jesus is the true incarnation of God on earth, it is in our best interest to learn about the characteristics of how people lived where these events took place before his incarnation. However, it is important to clarify that this historic reconstruction is not the object of the believer’s faith. The object of the Christian faith is a live person, Jesus Christ, who fully existed on earth during the first century; and who risen and glorified lives in the eternal presence of the Father... Our faith proclaims and reveres this person – truly incarnate, crucified and risen. It is only after this proclamation of faith that we come up with ideas and affirmations about his being. The real Jesus, the only one who exists and is alive is the risen Lord who*

*can be accessed only through faith (MEIER, cap 7, p. 193). It is not the same thing to talk about the real Jesus and the historical Jesus. In general, both considerations do not apply equally to people from the past: We cannot know the “real” Jesus through historical investigation, not even his total reality, not even a reasonably complete biographical portrait. However, we can know the “historical Jesus” (MEIER, cap. 1, p. 32). In other words, we cannot enter the total reality of a person – what he thought, felt, experienced, did and said – so many years later, and much less when this person did not write anything about himself and his proposal. Having said that, there are elements to get to know the historical Jesus through other facts, but not a biography as such (cfr. COMBLIN, p. 8-10).*

## INTRODUÇÃO

Ao tratar do tema da encarnação de Jesus, é com a convicção de fornecer recursos para melhor compreender a missão que Ele veio cumprir neste mundo, e para isso, acredito que um dos elementos é conhecer o contexto político, social, religioso e familiar aonde Ele chegou, com suas reais implicações, porque conhecer o ambiente onde ele cumpriu sua missão, Isso vai ajudar a entender a originalidade da sua mensagem. (CHARPENTIER, introdução CB 27) Além disso, ao conhecer as raízes onde o evento aconteceu, você evitará transformar sua vida em um romance de ficção científica. Certamente a parte teológica e eclesial do tema será desenvolvida em outros artigos por nossa equipe.

## CONTEXTO POLÍTICO: O IMPÉRIO ROMANO

Jesus não conheceu imperadores romanos como César Augusto ou Tibério, pois eles nunca chegaram ao seu pequeno país, sujeito ao Império. O general Pompeu entrou em Jerusalém em 63 a.C. para estabelecer a ordem. Jesus sabia que todo o seu povo e arredores eram dominados por um exército poderoso, dono de uma parte do mundo oriental. Havia duas cidades no império que se destacavam por sua importância: Roma e Alexandria. Nessas se concentravam as autoridades, das classes dominantes, dos cidadãos romanos e dos terratenentes.

Por muitos anos, ninguém conseguiu enfrentar Roma. O Império Romano era imenso, protegido por um exército de cerca de trinta legiões, com tropas auxiliares dobradas, ou seja, cerca de 350 a 400.000 homens, dos quais cerca de 100.000 soldados controlavam a área da Galileia (SAULNIER-ROLLAND, p. 6), que não era uma área muito povoada, já que as pessoas se aproximavam de onde havia melhores oportunidades de viver, próximo ao lago e ao Mediterrâneo, e onde a terra era mais fértil. Outras pessoas viviam em vilarejos e pequenas cidades, mas eram conectadas por estradas que permitiam o movimento das legiões romanas, o transporte e o comércio. A Galileia era um ponto chave nesse sistema, um lugar de passagem entre as regiões que levavam à parte sul do império (cf. ACO, p. 13-14).

Para assumir o controle da área, o império dividiu a região em províncias lideradas por um governador, responsável pela ordem pela aplicação do direito romano e pela arrecadação de impostos. A Galileia passou a fazer parte da província da Síria.

Cada vitória das forças romanas, para os habitantes de Roma, era transformada em um desfile de festa, onde viam os subjugados acorrentados em fila, indo para as prisões, muitos para serem executados. Tinha que se manifestar o poder militar dos vencedores e a humilhação dos vencidos. As memórias dessas vitórias foram gravadas em monumentos e moedas, que circularam por todo o império. A estátua do imperador era colocada ao lado dos deuses romanos, portanto, ele devia receber o devido culto, como senhor. Roma tentava incutir medo aos seus súditos, que não permitiam fraqueza e compaixão diante das insurreições e rebeliões que poderiam surgir pela liberdade. Daqui vem a prática mais temida, que era a pena de morrer na cruz, massacrar, queimar vilarejos e capturar escravos.

Uma vez que as legiões restabeleciam a ordem, retiravam-se para um local fixo como era a Síria, ponto estratégico entre a Ásia Menor e o Egito, um dos importantes celeiros que abasteciam o império. Os romanos não governavam diretamente à população sujeita, mas escolhiam pessoas locais que lhes podiam ser fiéis para manter a ordem e na arrecadação dos tributos.

O campeão disso foi Herodes, o Grande, que governou por mais de 30 anos (37 a.C.– 4 a.C.). Jesus não o conhecia, porque era um bebê recém-nascido. Herodes era um homem implacável que mandou matar a vários membros da própria família. Nunca conquistou o afeto e respeito dos judeus por ser de origem estrangeira e por sua forma implacável forma de governar (cf. SAULNIER-ROLLAND, p. 11-13).

Herodes defendeu as fronteiras de seus vizinhos, os árabes e os partas. Ele construiu fortalezas, prisões e residências e reconstruiu o templo de Jerusalém colocando uma águia dourada em ouro sobre a entrada para lembrar quem era o dono do mundo. O culto que ele concedeu ao imperador o tornou digno da confiança do imperador ao construir templos, teatros, como troféus de suas vitórias militares e erguer cidades inteiras como Cesareia, que era um porto de onde navios com soldados partiam e chegavam e os bens coletados, como trigo e azeite, eram enviados para o império. Seu sonho era que um dia o povo pudesse venerar o imperador como seu deus, o augusto (cf. PAGOLA, c. 1 p. 5-10).

O governo local estava a cargo do Sinédrio, que funcionava como tribunal político, religioso e criminal. Era composta por escribas, fariseus e sacerdotes. Esse grupo dependia de um grupo supremo, composto pelos saduceus na Judeia e pelos herodianos na Galileia. Dos saduceus vinha o sumo sacerdote. Esse conselho dependia, no final, da vontade dos romanos (SAULNIER-ROLLAND, p. 35).

Após a morte de Herodes, uma série de levantes ocorreu onde saquearam os palácios e as mercancias que armazenavam. A reação romana não demorou a se manifestar e as legiões desceram da Síria para prender alguns e crucificar outros. Flávio Josefo diz que haveria cerca de dois mil mortos. Além disso, como zombaria, eles incendiaram vilarejos e cidades e levaram muitos detentos como escravos.

Roma decidiu a sucessão de Herodes entre seus filhos, com Arquelau permanecendo em Samaria e Judeia, enquanto Antipas na Galileia até o ano 39 d.C. Seguindo os passos de seu pai,

Antipas construiu a capital da Galileia, a cidade de Tiberíades, em homenagem a Tibério, e posteriormente renovou a cidade de Séforis. Foi Antipas quem não hesitou em se livrar de quem o atrapalhasse, como fez com o profeta João Batista que incomodava com suas palavras, executando-o na primeira oportunidade que teve (SAULNIER-ROLLAND, p. 14)

## CONTEXTO SOCIAL

### Os habitantes da Galileia

Pouco se sabe sobre o povo originário da Galileia. Estavam muito distantes de Jerusalém e essas terras já haviam sido ocupadas por outros invasores. Na época da rebelião dos Macabeus (150 a.C.), os habitantes da Galileia foram incorporados ao povo judeu para que pudessem se aprofundar nas tradições do judaísmo. Certamente Jerusalém era um símbolo insubstituível na vida judaica de que todos se sentiam comprometidos em visitar a “cidade santa”, sobre a qual as Escrituras tanto falavam e que, ao mesmo tempo, serviam as pessoas a deixarem, de tempos em tempos, seu pequeno ambiente.

Parte da Galileia tinha montanhas que serviam de refúgio para muitos perseguidos pela lei. Por ser região montanhosa, formaram-se rios como o Jordão, que logo alimentava o Lago da Galileia. Possuía planícies muito férteis para o cultivo, e dentro das aldeias ficava Nazaré, não muito longe de Séforis, que se tornou a nova capital da Galileia. Toda a região teria cerca de 150 mil habitantes, segundo Flávio Josefo, que era o general responsável pela defesa do território galileu contra a invasão de Roma em 66 d.C. (Citado em Pagola, c.1 p. 9).

Basicamente, o país vivia da agricultura, pecuária, pesca e artesanato. A Galileia era privilegiada por suas terras e pela produção de todos os tipos de frutas e vegetais que eram vendidos em “feiras”. A população vivia trabalhando a terra, exceto os políticos que eram responsáveis pela administração, vigilância militar e arrecadação de impostos. No campo, a força de trabalho era com-

posta pelas mesmas pessoas, já que havia poucos animais para carregar pesado. Perto do lago, a pesca era a principal atividade, mas eles não tinham métodos ou ferramentas para ajudá-los a desempenhar seu trabalho. (cf. ACO p. 9-11). Tanto camponeses quanto pescadores eram vigiados pelos coletores de impostos de Antipas, que impunham taxas sobre o pagamento de impostos ao governo. Em uma terra agrícola, a propriedade era muito importante. Os romanos reivindicavam ser os donos dos territórios conquistados, daí os impostos.

Herodes Antipas havia herdado grandes extensões de terra, deixando seus parentes para cuidar delas, assim como amigos e partidários. Os encarregados arrendavam as terras e geralmente exigiam aos contratistas a metade da produção. Os administradores e os proprietários aproveitavam mão de obra barata, e a terra menos produtiva era propriedade das famílias que a trabalhavam. Outros eram trabalhadores diaristas que viviam do dia a dia. Muitos outros mais necessitados venderam seu trabalho por apenas duas moedas para comer. Jesus falou muito sobre essa situação em suas parábolas.

O transporte dos produtos era caro porque tinham que pagar o imposto pelo uso das estradas do império, especialmente quando se transportavam objetos preciosos ou em quantidade (SAULNIER-ROLLAND, p. 16). A diferença entre donos e funcionários era enorme. Enquanto o trabalho de alguns mantinha o país funcionando, outros viviam inventando mecanismos para controlar a produção, aproveitando-a ao máximo. Esse sistema raramente levava em conta o bem comum da população, mas o bem-estar de poucos.

O império exigia cinco tributos, dois dos quais eram os principais: pelo trabalho da terra *tributum soli* e o imposto para cada adulto *tributum capitas*, que eram pagos em espécie ou em moeda. Os tributos foram distribuídos: para o império, para alimentar as tropas, pagamento nas alfândegas, reparo de estradas, edifícios e pontes etc. Os arrecadadores, após pagarem ao governo o que havia sido acordado, extorquiam a população para obter seus próprios benefícios. Na realidade, esse era um fardo muito

pesado que recaia sobre os ombros do povo, pois ao ver os projetos ambiciosos dos governantes, como Herodes, o Grande, e seus filhos, que construíram cidades para o prazer de seus senhores, deixaram apenas as migalhas para o povo.

Havia outros dois tipos de impostos para o templo: dízimos e primeiros frutos, para ajudar aos pobres e a colheita a cada 7 anos. As oferendas e impostos de cada judeu iam para a classe sacerdotal que administrava o templo. Os publicanos eram encarregados de cobrar os impostos. As famílias ficavam sem dinheiro e renda, pagando uma boa parte de impostos. As pessoas mantinham seus pertences em pequenos celeiros até a próxima colheita, calculando dia após dia o que consumiam e o que lhes restava, tentando evitar a mais temida de todas: o endividamento. O templo servia como banco estatal, fonte de empregos, contratação de operários, e toda Jerusalém dependia da movimentação de dinheiro do templo (cf. ACO, p. 17-21).

A unidade no clã familiar era muito importante para conseguir sair adiante no trabalho e diante de possíveis dívidas. Ficar sem terras ou recursos os levava direto a pedir empréstimos e, no início, poderia ser uma família unida, diante da dívida, se dispersaria em busca de renda aceitando qualquer tipo de trabalho: como empregados, escravos, mendigos até chegar a se prostituir ou se fazer ladrão e bandido.

### **Nazaré e a vida do trabalhador**

Na Galileia se falava o aramaico, que havia substituído o hebraico ao se perder no exílio da Babilônia, e foi a língua materna de Jesus. As pessoas se comunicavam em aramaico, com diferentes sotaques de acordo com a região (cf. DIEZ, p. 24). O hebraico era a língua dos textos sagrados e todos conseguiam entender um pouco. Os líderes do templo provavelmente conheciam bem o texto, pois o traduziam para o aramaico para que todos entendessem.

Durante a dominação grega, antes dos romanos, o grego também foi imposto como língua para os assuntos legais e oficiais.

Os servidores públicos geralmente dominavam essa língua. Jesus certamente pode ter tido noções dessas línguas, como alguns de seu grupo. Os romanos não conseguiram impor o latim à população, mas conseguiram sobre os oficiais e soldados romanos. A Palestina no primeiro século foi um país quadrilíngue, dos que Jesus pode ter conhecido três línguas (cf. MEIER c. 9, II, 3 p. 257).

Nazaré pertence à Galileia, um lugar distante das rotas comerciais. Uma terra de camponeses onde se cultivavam trigo, cevada, hortaliças, leguminosas, oliveiras etc. Na época de Jesus, alguns autores falam que não ultrapassava 500 habitantes, enquanto outro diz que tinha 1600 (MEIER, 303). A maioria das famílias tinha casas construídas com um único cômodo onde dormia, mas com um pátio comum para a família extensa, ou seja, para parentes e irmãos casados, onde os filhos cresciam em comum, formando laços familiares muito fortes.

Jesus viveu em uma casa desse jeito, onde aprendeu a se adaptar a viver como a maioria das pessoas. Quando criança e jovem, logo aprendeu a enxergar o ambiente, a natureza, os animais, os cultivos etc. Além disso, sua visão estava carregada de algo muito especial, de um olhar de fé que aprendeu com seus pais, intuindo que por trás de tudo estava o cuidado amoroso de Deus por suas criaturas. Para ele, toda a criação era ler e escutar ao próprio Deus.

Devido às condições das vilas, parece que eram poucos os que sabiam ler e escrever, enquanto, na cidade, a sinagoga funcionava como uma escola para crianças, onde o livro de estudo era a Bíblia. Jesus demonstra uma habilidade incomum para falar e interpretar textos das Escrituras e tradições religiosas, que contrastavam com o nível de educação do povo (cf. MEIER 264-268). A cultura da época era principalmente oral e as pessoas tinham uma enorme capacidade de memorizar cantos, orações, tradições, que eram passadas por gerações, já que havia sábios que não dominavam a escrita ou a leitura.

Certamente Jesus frequentou uma escola em Nazaré, já que sua população indica que não era uma vila tão pequena. Não se

sabe que ele tenha sido discípulo de algum mestre da lei. Em sua pregação, ele não citava os rabinos e poucas vezes as Escrituras, mas o povo se surpreendia com a eloquência de suas palavras, que superava todos os mestres da lei (Mc 1:22). Isso comprova alto grau de talento natural que compensava um baixo nível de educação formal.

Quanto ao trabalho, Jesus tinha um ofício: um artesão, como seu pai. Pode-se dizer que ele sabia fazer várias coisas como pedreiro e carpinteiro (cf. MEIER c. III, 3, p.266). Certamente ele não tinha especialização, pois em Nazaré não havia trabalho suficiente para saber um único ofício, então eles frequentemente saíam pelas aldeias em busca de emprego.

### **Durante a Juventude de Jesus**

As condições na casa de Jesus eram, como na maioria dos lares, muito simples. Sua vida se assemelhava à de qualquer trabalhador diarista que procurava emprego indo ao dia. Jesus reflete nas suas parábolas a necessidade de sair em busca do sustento cotidiano.

Sabe-se que, na juventude de Jesus, Séforis foi reconstruída e ficava a apenas 5-6 quilômetros de distância, então presume-se que, devido à demanda por trabalho na cidade, a uma hora caminhando, ele e outros jovens tinham a possibilidade de sair para trabalhar fora (cf. MEIER c.9, IV, 274). Em um curto período de cerca de 20 anos, foi realizada a reconstrução de Séforis, uma nova cidade. Os camponeses, que viviam em vilarejos e trabalhavam no campo, viram o surgimento de duas novas cidades, Séforia e Tibériades, que vieram mudar o panorama para as famílias do local. Séforis concentrou às autoridades e os funcionários do governo, assim como os proprietários de terras. Havia casas bem construídas, ruas pavimentadas, cercas, mosaicos, pinturas etc. Acredita-se que entre as duas cidades havia uns 15 mil habitantes.

Outra cidade que se destacava era Cesareia, onde morava o prefeito de Roma. O contraste com as aldeias era marcante, devido ao padrão de vida deles. As casas normais da cidade eram, telhados feitos de barro, pedra, galhos e ruas de terra. As pessoas

tiveram que trabalhar mais, como Jesus e sua família, para sustentar as demandas que essas cidades pediam. Para eles, não era possível evitar pagamentos, que eram cada vez mais organizados na cobrança, os publicanos assediavam as pessoas até que pagassem. Já nessa época, circulavam no comércio as moedas como o denário romano, o shekel judeu, a mina fenícia e a dracma grega (cf. ACO p. 11).

Jesus chegou a conhecer essa situação de tanta desigualdade. Crescia o endividamento e os problemas entre vizinhos, assim como a ineficácia da autoridade para os resolver nos tribunais, que geralmente favoreciam aos poderosos. Isso trouxe um aumento diaristas, indigentes, doentes etc. Essa situação foi parte da formação social que Jesus viveu e que, na sua mensagem do reino, a tornará transparente, sendo claramente contrária ao programa de Antipas, que favorecia um sistema de separação, onde alguns não se interessavam pelo destino da maioria.

A Jesus, em sua infância e juventude, lhe ficaria bem gravada a imagem daqueles que pediam um pedaço de pão e a indiferença daqueles que podiam, não ajudavam ninguém além de seus amigos. Jesus fez notar sua crítica àqueles que acumulam riqueza sem pensar nos necessitados; seus discursos declarando felizes os indigentes, os famintos e aqueles que choram ao perder suas terras; as exortações dirigidas a seus seguidores para compartilharem a vida dos mais pobres daquelas aldeias e caminharem como eles, sem ouro, prata ou cobre, e sem duas túnicas, nem sandálias; seus chamados para serem compassivos com os que sofrem e a perdoar as dívidas, e tantos outros ditos, nos permitem entender ainda hoje como Jesus viveu o sofrimento daquele povo e com que paixão buscava um mundo novo, mais justo e fraterno, onde Deus pudesse reinar como Pai de todos (cf. Pagola, c. 1 p.10).

Todos os indícios apontam para uma adolescência e juventude sem incidentes, que Jesus passou trabalhando como carpinteiro em Nazaré. Essa pode ser a razão do silêncio dos Evangelhos sobre a “vida oculta” de Jesus, já que simplesmente não aconteceram grandes coisas (cf. MEIER c.10, IV, p. 337).

## CONTEXTO RELIGIOSO

Certamente a Galileia não era a Judeia. Jerusalém, a capital da Judeia, ficava a 180 km. Na Galileia, a vida religiosa não era centrada no templo e seus ritos eram considerados uma terra de “pagãos”, com pessoas de crenças variadas (cf. DIEZ, p. 22-23). Em Nazaré não chegavam os grandes rabinos, mas eram os mesmos vizinhos que nutriam sua fé, em casa e nas reuniões de sábado na sinagoga. Era uma fé muito rudimentar, elementar em teoria, mas profundamente enraizada na vida familiar, conhecedora da aliança de Deus com seu povo e de recorrer ao templo para orar. Eles não possuíam locais de culto como na capital, nem possuíam um aparato sacerdotal e de serviço que cuidasse das tradições dos antepassados.

Era difícil para o jovem Jesus ouvir falar de escribas, fariseus e saduceus, monges etc. As famílias oravam duas vezes ao dia, ao amanhecer e à noite: *Ouçá, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a tua alma e com toda a tua força* (Dt 6,4-5). Isso formou a base da espiritualidade de Jesus desde pequeno, de amar a Deus acima de todas as coisas. A consciência de ser amados por Deus era uma convicção na vida diária das pessoas.

Os povos faziam pactos entre si para se defenderem dos inimigos. Eles acreditavam na aliança com Deus, que os escolheu como seu povo. Por isso, a circuncisão nos homens era o sinal de pertencimento à aliança, oito dias após o nascimento, quando o pai reconhecia ao recém-nascido como filho seu.

O dom de Deus era a Torá, onde Ele revelava o que precisava cumprir para estar alinhado com Deus. Esse presente não era um fardo, mas o que os ajudava a viver aquela vida difícil que tinham. Na família, eles aprendiam os costumes dos antepassados segundo os mandamentos do Sinai. A Torá lhes deu identidade, mas o normal era não ter grandes templos nas aldeias nem imagens de deuses, ao contrário dos estrangeiros que se surpreendiam com isso. Havia apenas um lugar para louvar a Deus: o templo sagra-

do em Jerusalém. Por isso, todo israelita precisava ir a Jerusalém para as festas pedir perdão pelos seus pecados. Oravam orientados para o templo. Mais tarde, Jesus superou todos esses ritos e costumes, dando-lhes um novo significado.

Ao sábado, as vilas se transformavam porque era dia especial. Descansavam até mais tarde, ficavam em casa, comiam juntos e oraram agradecendo a Deus. Era o momento de ensinar aos pequenos as obras que Deus havia feito por Seu povo. Depois se reuniram com a comunidade na sinagoga e não exigiram acusações, nem fizeram os funcionários trabalharem. Já era uma bênção, assim como Deus descansou ao sétimo dia. Profanar o sábado era desprezar a aliança.

A sinagoga era o local de encontro e culto nas vilas e cidades, um lugar muito simples, com um espaço para orar, lembrar das Escrituras como o dia em que saíram da escravidão no Egito, e tendo um tradutor do texto hebraico que podiam entender. Qualquer homem adulto poderia tomar a palavra para comentar. Além do sábado, os casamentos também eram dias para festejar e se alegrar. Durante vários dias, acompanharam aos noivos comendo e bebendo, dançando e cantando.

Na primavera, a Páscoa era celebrada. Na véspera, era abatido o cordeiro pascal e então se reuniram para a ceia. A festa continuava por sete dias, agradecendo por fazerem parte do povo escolhido e esperando que um dia se libertassem do império que dominava suas vidas. Cinquenta dias após, celebravam a festa de Pentecostes, associada à colheita e recordavam as leis da aliança no Sinai. Em um ambiente assim, Jesus cresceu. (cf. SAULNIER-ROLLAND, p. 26-30).

Enfim, a formação que as mulheres transmitiram às crianças era muito importante, que iam adotando uma religiosidade pela vida toda por meio de orações e louvores: “*Eu te abençoo, Pai, Senhor dos céus e da terra*”. Os pais se preocupavam com os adolescentes para que pudessem aprender um ofício e ademais os introduziam na sociedade para serem pessoas fiéis à aliança (cf. Pagola c.1 p. 17-20).

## CONTEXTO FAMILIAR

Jesus vivia praticamente em um lugar pouco visitado e de pouca importância, como era Nazaré. Só quando se mudou para Cafarnaum já adulto foi que percebeu o movimento da rota comercial vinda do Norte, a Síria, a caminho do sul, rumo ao Egito. Jesus se deslocou apenas até o sul de seu país, até a capital, Jerusalém. Família era tudo para um judeu: local de nascimento, escola e garantia de trabalho. Fora dela, o indivíduo ficava sem proteção ou segurança. É dentro da família extensa, do clã familiar, que adquiria identidade e a função social da pessoa, em troca da segurança. Esse tipo de família compartilhava várias coisas: arranjos matrimoniais para os filhos, ajudavam-se mutuamente no trabalho, defendiam suas pertencas comuns e acima de tudo, a reputação da família (cf. MEIER c. 10, I, p.302).

Jesus viveu em um contexto de família ampla, que além dos pais incluía tios, primos, meios-irmãos e outros parentes. Abandonar a família era muito sério, pois estava dissociado do apoio que recebiam. Na família judaica, a autoridade era patriarcal e absoluta, à qual todos deviam obediência e lealdade. O destino das filhas dependia dele. Organizava o trabalho e dava os direitos a todos. A mulher era valorizada por sua fertilidade e pelo trabalho no lar. Ela era responsável pela educação dos filhos, a cozinha, a limpeza e das tarefas domésticas. A mulher sempre pertenceu a alguém: passava do controle do pai para o do marido e só o homem podia pedir o divórcio. Os filhos do sexo masculino desfrutavam de mais direitos do que suas irmãs, inclusive dentro da religião. Em um tribunal, a mulher não poderia testemunhar (cf. ACO, 24-26) (SAULNIER-ROLLAND, p. 40).

A mortalidade infantil era muito alta, devido à má nutrição. Poucos chegavam à idade juvenil sem ter perdido um dos pais. Quando pequenos eram introduzidos ao mundo dos homens, onde precisavam afirmar sua masculinidade. A expectativa de vida mal ultrapassava trinta anos e poucos chegavam aos cinquenta ou mais. O sonho de todos era ter o suficiente para alimentar a família e poder pagar impostos sem penhorar ou perder

seus bens. A época da colheita era de grande alegria e festividade. Todos trabalhavam na colheita.

Além da subsistência, eles se preocupam com a honra da família. A boa reputação era muito valiosa no clã para conquistar uma posição na sociedade. As mulheres eram vigiadas de perto, pois podiam colocar em risco o bom nome da família. Era mal-visto que as mulheres não tivessem filhos, além de desvios sexuais e agir de forma vergonhosa na frente dos outros. As mulheres eram incutidas com a castidade e obediência.

Jesus, ao sair de casa, colocou em risco a honra de sua família. Sua vida itinerante, longe da família, sem uma profissão fixa, realizando curas estranhas e falando de uma mensagem sem a autoridade de um rabino, era considerada uma desonra para a família. Sua família extensa interpretou que ele estava fora de si e tentou levá-lo para casa (PAGOLA, p. 17). Jesus, em sua missão, teve que dar o passo de se desligar da família para assumir um caminho diferente. Jesus pensava uma família que englobaria todos os que estivessem dispostos a se colocar no caminho de Deus. Jesus, para cumprir sua missão, começa uma vida como profeta itinerante, sem a compreensão de seus parentes.

## **A MISSÃO**

### **A presença de João**

Não sabemos o momento nem a forma como Jesus deixa seu trabalho, sua casa, sua família e deixa a vila. Jesus não vai procurar trabalho, nem estuda tradições com um rabino. Também não vai a algum mosteiro em Qumran ou ao templo em Jerusalém, mas sim ao deserto. Em si, o deserto tem um significado especial para seu povo, pois foi lá que a identidade de um povo livre foi forjada. É o deserto que João recomenda para o silêncio, o encontro com Deus e a mudança de vida. Jesus quer escutar essa voz de Deus para lhe dar uma direção mais definida à sua vida. Não está satisfeito com a miséria que o povo vive nem com a brutalidade do império e seus aliados.

O encontro com João vai lhe dar luzes. Ele escuta falar de um novo coração, de conversão e mudança na pessoa e na sociedade, esperando a intervenção de Deus a qualquer momento. João veio de uma família sacerdotal. Sua linguagem e aparência o mostram como um camponês da aldeia, que se pronuncia firmemente contra as perversões da autoridade e da falsidade dos ritos do templo.

A mensagem de João é que se aproxima um dia terrível: o julgamento de Deus sobre a aliança que não é respeitada. É como o machado pronto para o golpe e ninguém vai conseguir escapar naquele dia. O mal já corroeu tudo, começando pelas instituições, uma renovação é necessária: ir ao deserto para entrar novamente na terra prometida, com um coração novo e disposto, como os antigos israelitas vindos da escravidão. Israel não pode viver como outros povos e, portanto, oferece um batismo de perdão e arrependimento. Trata-se de uma nova aliança. Para Jesus, isso representa o caminho que quer seguir.

O batismo de João é um sinal externo de conversão a Deus. É um afastamento do pecado para retornar à aliança, dando frutos dignos de conversão. As pessoas se aproximavam uma a uma para “confessar” seus pecados enquanto eram batizadas, das quais saíam perdoadas por Deus. Isso incomoda as autoridades, que atribuíram ao templo o único lugar para perdoar pecados, por isso nenhum deles chegou perto de ser batizado. As pessoas voltavam para casa com a intenção de viver uma vida renovada.

João anuncia a chegada de um mais forte, aquele que está por vir, cujas sandálias não merece desamarrar. João pensava em alguém que viria trazer o juízo e a restaurar a aliança, selando com um batismo de fogo, eliminando a injustiça e comunicando seu Espírito Santo (cf. Pagola, c. 1, p.22-23).

### **Jesus assume a missão**

Como sinal de que Jesus aceita continuar na linha de João, entra nas águas do Jordão. Os evangelistas narram esse evento quando ele se aproximou de João para ser batizado. Marcos, o

evangelista mais antigo, afirma: Jesus foi batizado por João no Jordão e, ao sair da água, viu o Espírito de Deus descendo sobre ele “como uma pomba”, e escutou uma voz do céu dizendo-lhe: “*Tu és meu filho amado*” (1,9-11). Mateus acrescenta: quando Jesus se aproxima, o batista tenta afastá-lo: “*Sou eu quem precisa ser batizado por ti, e tu vens a mim?*” (3,13-17). Lucas apenas menciona o batismo de Jesus, mas sem a intervenção do Batista (3,16). João, o Evangelista, não narra o batismo, apenas o refere quando o Batista o apresenta como “*o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” que vem “*batizar com o Espírito Santo*” (1,26-27).

Depois disso, Jesus não retorna mais para morar na sua casa em Nazaré. Agora ele sente que tem uma missão e que vai se dedicar completamente a ela. Isso vai surpreender sua família e os vizinhos do lugar. Jesus tem esperança de que as coisas possam ser diferentes, como João anuncia. Há um despertar nele para fazer algo concreto por aquelas pessoas desesperadas. Ele quer carregar um anúncio assim, por isso deixa a família, o trabalho e a cidade. Agora quer que esse ideal de esperança, paz e bem-estar para a humanidade seja realizado. E uma vez que João é desaparecido com a morte cruel, isso reforçará a convicção em Jesus de que esse é o caminho e a missão a seguir. Naquela época, Jesus tinha pouco mais de trinta anos.

Jesus estava envelhecendo e nada é dito sobre algo importante na vida de todo jovem: o matrimônio. Jesus não se casou, não se preocupou em encontrar uma esposa e formar uma família. Isso deve ter deixado parentes e vizinhos confusos. O conceito judaico de matrimônio, mais do que outras culturas, dava uma visão positiva de ter filhos, de formar uma família. Ele sabia o que as Escrituras dizem: “*não é bom para um homem estar sozinho*”. Também não se sabe que tenha recorrido aos monges essênios que não se casavam.

A renúncia de Jesus ao amor sexual não responde a um ideal de pureza ou controle das paixões, não é um asceta do deserto. Em vez disso, come e bebe com pecadores, lida com mulheres e não se preocupa em ir ao templo para rituais. Jesus não rejeita as mulheres, pelo contrário, as recebeu em seu grupo sem qualquer

problema, nem tem medo da amizade ou do contato próximo delas. Não se diz que tenha seguido o estilo de qualquer profeta como Jeremias, que viveu sozinho. Com Jesus, a mulher pode ser discípula, testemunha da fé, em igualdade ao homem (cf. ACO, 27).

Sabe-se que o profeta João deixou sua casa para se dedicar plenamente à missão que foi chamado. Sua vida foi orientada por um afastamento da sociedade, para viver sóbrio e dedicar-se plenamente ao anúncio da chegada do reino. Por outro lado, Jesus não se assemelha a João nos anos de preparação. Jesus não anuncia julgamentos temerosos, mas a misericórdia profunda de Deus. João não comia pão nem bebia vinho. A sobriedade de João contrastou com a de Jesus, que aceitava viver com as pessoas, compartilhando espaço e tempo

Entre os próprios fariseus não se conhecia a prática do celibato. Houve pessoas dedicadas ao estudo da lei, sem se sentirem chamadas a se “distrair” com uma família. Também não foi o caso de Jesus, que passou um tempo no estudo da Torá, em preparação para uma missão semelhante. A verdade é que Jesus se consagrou totalmente a uma missão que tomou conta de seu coração. Ele a chamava “o reino de Deus.” Essa foi a paixão de sua vida e à qual se entregou por completo.

Aquele jovem Jesus se dedicou a ajudar seu povo a receber esse reino. Abandonou a família, largou o emprego, foi para o deserto, procurou colaboradores, percorreu as estradas da Galileia porque queria que todos ouvissem a Boa Nova de Deus. Completamente absorvido nessa missão, sua vida passou sem encontrar tempo para se dedicar a uma família particular.

Essa missão lhe rendeu todo tipo de apelidos: bêbado, comilão, amigo dos pecadores, possuído por demônios etc. (Mt 11,19). Certamente ele foi repreendido por não ter se casado: eunuco que era um forte insulto para a época, já que a integridade varonil ficava em questão, mas ele mesmo disse: “há quem decida assim por amor ao reino de Deus” (Mt 19,12).

Esse amor exclusivo pelo reino da razão:

*É porque ele não se casa com nada ou ninguém que possa distraí-lo de sua missão a serviço do reino. Não abraça uma esposa, mas permite ser abraçado por prostitutas que vão entrando na dinâmica do reino, após recuperarem junto a ele sua dignidade. Não beija os próprios filhos, mas abraça e abençoa as crianças que se aproximam, porque os vê como uma parábola viva de como acolher Deus. Não cria uma família própria, mas se esforça por suscitar uma família mais universal, composta por homens e mulheres que fazem a vontade de Deus. Poucos traços de Jesus nos revelam com mais força sua paixão pelo reino e sua disposição total para lutar pelos mais fracos e humilhados. Jesus conhecia a ternura, experimentava afeto e amizade, amava crianças e defendia as mulheres. Ele apenas renunciou ao que poderia impedir o amor universal e a entrega incondicional àqueles privados de amor e dignidade. Jesus não teria entendido nenhum outro celibato. Apenas aquele que nasce da paixão por Deus e por seus filhos e filhas mais pobres (PAGOLA, c.1, p.22).*

## CONCLUSÃO

Realmente ter a oportunidade de saber que Jesus, o filho encarnado de Deus, veio à nossa história em uma realidade concreta como ser humano, é para viver agradecidos pelo mistério, graça ou favor de Deus que talvez não possamos compreender totalmente. Acima de tudo, para nós, missionários, sua presença, trabalho e missão já são um caminho para seguir a fim de que todos os povos o conheçam e continuem com o projeto que veio nos propor.

Conhecer o Jesus histórico nos faz amar mais ao Jesus da fé, aquele que morreu e ressuscitou para trazer salvação à humanidade. Jesus não foi um fantasma de tempos passados como para imaginar algo que nos venha à cabeça. É importante abordar a realidade que ele viveu para apreciar mais profundamente que ele, ao se tornar carne humana, é o cumprimento das Escrituras que Deus prometeu aos profetas.

Dessa forma, acompanhado de seus discípulos e colaboradores mais próximos, percorria a terra de Israel, proclamando a vinda do reino, o que é compreendido por suas palavras e ações de que o amor de Deus Pai se cumpriu (cf. ACO, 32, 35-36). Há duas

palavras fundamentais que ele nos deixa: o reino de Deus e *Abba*, como resumo de sua mensagem (cf. GONZALEZ, p. 46-56).

Assim que foi introduzido: *Yeshua* significa Yahweh salva. Oficialmente era *Yeshua, bar Yosef*, ou seja, Jesus, filho de José, e em seu tempo era chamado de Jesus de Nazaré. A origem e a família de origem eram muito importantes, pois isso o identificava com um clã familiar. Para seu grupo, Jesus era um galileu, diferente dos samaritanos ou judeus. Ele era filho de um trabalhador de Nazaré e vivia com seus pais José e Maria, na região norte da Galileia

### PARA REFLETIR

- Que benefícios nos traz conhecer o contexto da realidade de que Jesus viveu?
- Esse panorama lhe ajuda a entender melhor a imagem de Jesus?
- Conseguimos entender as maravilhas que Deus fez ao entrar na nossa história para dizermos o quanto nos ama?

### LINHA DO TEMPO

- Anos 6-4 a.C. Os mestres da lei, Judas e Matias, além de quarenta e dois discípulos, são queimados vivos por Herodes, acusado de ter destruído a “águia imperial” colocada no templo.
- 5 a.C.: Nascimento de Jesus
- 4 a.C. Herodes, o Grande, morre em Jericó. Na Galileia, Judas toma Séforis e toma um arsenal de armas. O escravo Simão e seus homens saqueiam o palácio onde Herodes morreu e o incendiam. Nas proximidades de Emaús, o pastor Atronges e seus seguidores são confrontados por tropas herodianas transportando grãos.
- 3 d.C.: Os soldados de Varus, governador da Síria, destroem Séforis, arrasando as aldeias ao redor, massacrando seus habitantes ou levando-os como escravos. Varo crucifica cerca de dois mil judeus nos arredores de Jerusalém. Augusto nomeia Arquelau para a Judeia e Samaria. Antipas é nomeado tetrarca da Galileia, Perea e Iturea.
- Ano 6: Jesus Adolescente: Arquelau é deposto pelo imperador, que o exila na Gália. Quirinius é nomeado governador da Síria. Judas e Zadok se levantam contra o tributo a Roma.
- 6-9 d.C.: Jovem Jesus: Coponius, prefeito da Judeia, nomeia Anas como sumo sacerdote. Um grupo de samaritanos poluem o templo espalhando ossos de mortos na véspera de Páscoa. Em retaliação, a entrada de Samaritanos no recinto sagrado agora é proibida.
- Ano 10: O jovem Jesus: A reconstrução do templo em Jerusalém, iniciada por Herodes, o

Grande, trinta anos antes, é concluída.

- Ano 14: Em 9 de agosto, o imperador Augusto morre em Roma aos setenta e sete anos. Foi sucedido por Tibério aos cinquenta e seis anos.
- Ano 15: Jesus Adulto: O prefeito Valério Gratus demite Anas de sua posição como sumo sacerdote. O genro José Caifás, casado com uma filha de Anas, é nomeado e trairá Jesus.
- Ano 19: Antipas conclui a construção de Tiberíades, às margens do Lago da Galileia, e estabelece sua residência ali.
- 26 d.C. O novo prefeito Pôncio Pilatos desembarca em Cesareia.
- 27-28 anos: Atividade de João Batista no Jordão. Jesus ouve seu chamado e é batizado.
- Anos 28-29: Jesus (32-34 anos): O batista é preso e executado por Antipas em Marqueronte. Jesus está em plena atividade missionária na Galileia.
- Ano 30: Jesus morre (34-36 anos): Na sexta-feira, 7 de abril, véspera da Páscoa, Jesus é crucificado nos arredores de Jerusalém. (PAGOLA, 230-231).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACO. Jesus sua terra, seu povo, sua proposta. São Paulo: Ação Católica Operária, n.4, 1988.

CHARPENTIER Etienne. Introducción en Palestina en tiempos de Jesús. Colección Cuadernos Bíblicos, 27. 2 edición. Estella: Editorial Verbo Divino, 1981

COMBLIN, José. Jesús de Nazaret. Meditación sobre la vida y acción humana de Jesús. Col. Pozo de Siquem. Santander: Sal Terrae. 1989

DIEZ Sollano, Alfonso. Jesús ¿Quién eres tú? Guadalajara: Promotora Juvenil Don Bosco, A.C. 1997.

MEIER John. Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico. Estella: Editorial Verbo Divino, 2009.

GONZALEZ FAUS, José Ignacio. Acceso a Jesús. Col. Verdad e Imagen 55. Salamanca: Ed. Sígueme, 1979.

PAGOLA José Antonio. Jesús, una aproximación histórica. Disponível em: <<https://www.vtv.gob.ve/wp-content/uploads/2020/04/Jesu%CC%81s-Aproximacio%CC%81n-Histo%CC%81rica.pdf>>. Acesso: 13/02/2026.

SAULNIER Christiane y ROLLAD Bernard. Palestina en tiempos de Jesús. Estella: Editorial Verbo Divino, 1981.